

A presença de moeda grega na fachada atlântica da Ibéria

RUI M. S. CENTENO*

Universidade do Porto

Ao contrário do que ocorreu no Levante ibérico, os primeiros contactos das populações do ocidente peninsular com a moeda serão significativamente mais tardios, podendo-se situar no século IV a. C., como o parecem testemunhar os achados da Serra do Pilar (V. N. de Gaia) (Centeno 1987: 190-191; 2020: 94-95) e de Bouçós (S. Martinho de Anta, Sabrosa) (Centeno 1987: 189; 2020: 95). Naturalmente, as primeiras moedas chegadas à área atlântica da Ibéria, seriam consideradas localmente como pequenos lingotes de metal ou como exóticos artefactos de prestígio, atendendo às figurações e letreiros que ostentavam, por certo de difícil compreensão para as populações autóctones.

Por outro lado, procurar uma justificação para os achados de moeda grega registados neste extenso território desde a Galiza ao Algarve, apresenta dificuldades que decorrem da circunstância de todos eles resultarem de achados casuais, desconhecendo-se, por isso, os respetivos contextos arqueológicos de deposição, bem como outras informações relacionadas com a sua descoberta, situação que até conduziu ao questionamento da veracidade de alguns dos achados. Neste trabalho iremos apresentar e analisar a informação disponível sobre os diversos achados de moeda gregas registados no território mais ocidental da Ibéria¹.

1. Alcácer do Sal (Setúbal), 1874: “moedas gregas”

A referência mais antiga ao aparecimento de moedas gregas no ocidente peninsular, deve-se ao afamado pré-historiador francês Émile Cartailhac que, aquando da sua presença no Congresso Internacional de Antropologia Arqueologia Pré-Histórica, realizado em Lisboa, em 1880, no âmbito de uma missão arqueológica em Espanha e Portugal realizada em 1880 e 1881, teve a oportunidade de observar, entre outras, moedas gregas encontradas durante as escavações de 1874 que revelaram a importante necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, escrevendo o seguinte: “Les monnaies seules, grecques, ibériennes et romaines suffiraient à prouver que ce lieu fut très longtemps la ville des morts” (Cartailhac 1886: 252).

Porém, entre a diversa bibliografia nacional publicada após descoberta deste sítio arqueológico, não há qualquer referência à existência das moedas gregas que Cartailhac terá tido a oportunidade de observar cerca seis anos após o seu achado. No minucioso cotejo dos primeiros trabalhos publicados acerca das descobertas no Olival do Senhor dos Mártires, realizado pelo malgrado arqueólogo António Cavaleiro Paixão, encontram-se referências ao achado de “moedas” ou “de várias moedas de cobre, que iriam desde o princípio do Império até aos Antoninos” (Paixão 2014: 438)². Note-se também que Estácio da Veiga não regista qualquer moeda grega na relação que pu-

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (FCT I&D unit 4059).

¹ Este artigo é o resulta do aprofundamento de parte um trabalho recentemente publicado (Centeno 2020). Por isso, dispensámo-nos de o referenciar ao longo de nosso texto, exceto quando necessário.

² Para uma síntese sobre a ocupação do sítio, cf. Faria 2002: 25-40 e, recentemente, Gomes 2018: 117-139; sobre as cerâmicas gregas, vide Ferreira 2019: 170-182.

blica dos objetos exumados em 1874 (Veiga 1891: 266-268). O próprio Virgílio Correia que dirigiu trabalhos arqueológicos no local, entre 1925-27, nos breves estudos publicados sobre as escavações que realizou neste sítio arqueológico, também é omissos sobre o aparecimento das moedas gregas noticiado por Cartailhac (Correia 1925; 1928; 1930a; 1930b). A única referência ao achado destas moedas é da autoria de J. Leite de Vasconcellos que, a propósito da informação do sábio francês, escreve: “O Sr. Cartailhac viu as moedas gregas?” (Vasconcellos 1895: 79, nota 1).

A ausência de outras notícias sobre a presença de moedas gregas na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires poderá resultar do extravio dos numismas em data posterior ao seu visionamento por Cartailhac ou, na sequência da já referida interrogação de Leite de Vasconcellos, de se tratar de um informe errado transmitido ao pré-historiador francês. Mas, não sendo Cartailhac um especialista em numismática, tal notícia também poderá dever-se a uma deficiente identificação das moedas que então lhe foram mostradas, apesar de, ao diferenciar as “moedas gregas, ibéricas e romanas”, evidenciar algum conhecimento sobre moeda do mundo clássico que lhe permitiu proceder a tal distinção. As referências mais recentes ao possível aparecimento de moedas gregas em Alcácer do Sal, nada acrescentam ao assunto (García y Bellido 1936: 159, h); 1948: Tomo II, 227, n.º 15; Centeno 1983: 198).

2. Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia, Porto), ante 1927: tesouro de tetradramas

Uma carta manuscrita do Prof. Rhys Carpenter³, dirigida a W. C. Tait e datada de 30 de abril de 1927, em resposta à “your long and interesting reaches al last after many peregrinations”, dá indicações mais precisas sobre a data do achado de tetradracmas da Serra do Pilar. Infelizmente não conhecemos o teor e a data da missiva remetida por Tait ao Prof. Carpenter mas, se atendermos às “many peregrinations” por que passou até chegar ao destinatário, é muito provável que tenha saído do Porto nos inícios de 1927. A ser assim, a descoberta das moedas da Serra do Pilar terá ocorrido em um momento anterior ao início daquele ano.

A primeira referência a este achado deve-se a Mendes Correia, então professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que publicou uma breve nota sobre o aparecimento e a identificação das moedas (Correia 1928: 160 e 204-205, nota 2)⁴. Mais de cinco décadas passadas, a parca informação conhecida sobre as circunstâncias que rodearam o descobrimento das moedas permaneceu inalterada, insuficiência que motivou Mário de Castro Hipólito, em minuciosa e pertinente pesquisa, a interrogar-se sobre a eventual autenticidade deste achado, impressão que, segundo este investigador, parecia corroborada pela presença de punções e marcas de teste de metal visíveis nos dois exemplares que remeteriam para a sua circulação entre o Egito a Ásia Menor (Hipólito 1981-1983: 81-82).

Porém, a revelação de novos dados sobre as circunstâncias do achado e a sua composição (Centeno 1987: 190-191 e 281) parecem contrariar as dúvidas de Castro Hipólito. Em primeiro

3 Esta carta encontra-se atualmente no Museu de História Natural da Universidade do Porto (=MHNUPorto). Em página branca da carta, W. Tait após a seguinte nota manuscrita: “Description / Comments on 2 silver greek coins found at the Serra do Pilar in digging for the foundations of a dwelling house”.

Em data posterior a 1987, o Dr. A. A. Huet Bacelar Gonçalves, membro do então Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, deu-nos conhecimento da existência desta carta, tal como, em junho de 1985, nos havia revelado as notas manuscritas do Sr. Tait que acompanhavam as moedas da Serra do Pilar quando foram oferecidas à Universidade do Porto.

Mendes Correia fez uma breve referência à carta de Carpenter sem, contudo, revelar a sua data (Correia 1928: 204-205, nota 1).

4 Ver também García y Bellido (1936: 159, i); 1948: Tomo II, 227, n.º 17) que tem por base as informações de Mendes Correia.

lugar, um pequeno informe manuscrito de W. C. Tait, conservado na Universidade do Porto⁵, que passamos a transcrever: “Greek coins given to me by Mr. Basto on his leaving for Brazil. He informed me that he bought them from a workman who found them while working at excavating for the foundations of a house near the Serra do Pillar (*sic*). Head of Hercules with skin of Numean (*sic*)⁶ Lion. Head of Minerva”.

A segunda informação sobre o achado foi-nos transmitida oralmente em 1986, de modo inesperado, pelo conhecido colecionador Senhor Norberto Correia, já falecido e histórico associado da Sociedade Portuguesa de Numismática (Porto), por ocasião de uma visita para conhecer a sua coleção de moedas. Naturalmente, a nossa atenção dirigiu-se para os espécimes do Mundo Clássico e, em particular, para duas tetradracmas, uma de Atenas e outra póstuma de Alexandre III; reparando no nosso interesse por estes exemplares, para grande surpresa nossa, o Sr. Norberto Correia relatou-nos que, na década de quarenta do século xx, as havia adquirido na Casa Bancária Fernandes Magalhães⁷, tendo-lhe então referido o proprietário desta firma que aqueles eram os últimos de um conjunto de seis ou oito moedas (todas dos mesmos dois tipos) que, há muitos anos, tinha comprado a dois operários que disseram terem-nas achado durante umas obras junto à Serra do Pilar.

Estas informações, para além de conferirem maior credibilidade ao achado da Serra do Pilar, revelam ainda uma importante novidade sobre a sua composição: trata-se de um conjunto monetário constituído por oito a dez tetradracmas, pelo menos, repartidas entre emissões áticas e imperiais de Alexandre III (uma é póstuma), sendo conhecidos os quatro exemplares que a seguir se descrevem:

1. Tetradracma de Atenas, c. 431-c. 415/3 a. C. (Fig. 1. 1).

Anv.) Cabeça de Athena à direita com capacete ático; na face, junto ao brinco, punção circular.

Rev.) Coruja de pé à direita tendo, atrás, ramo de oliveira e crescente e, à frente, ↓ AOE, dentro de quadrado incuso; junto do corpo da coruja, acima da pata esquerda, punção circular.

Peso: 16,74 g; $\varnothing$: 24 mm; *Eixo:* 9.

Ref.) Cf. Starr 1970: 72-3, Pl. XXII, 7; cf. Kroll 1993: n.º 8c.

Coleção) MHNUPorto, inv. 015413.

2. Tetradracma de Atenas, c. 406 a. C. (Fig. 1. 2).

Anv.) Cabeça de Athena à direita com capacete ático.

Rev.) Coruja de pé à direita tendo, atrás, ramo de oliveira e crescente e, à frente, ↓ AOE, dentro de quadrado incuso; à direita do corpo da coruja, junto à letra Θ , punção circular pouco profundo.

Peso: —; $\varnothing$: 23 mm; *Eixo:* 5.

Ref.) Cf. Starr 1970: 74, Pl. XXIII, 12 (ex. forrado); cf. Kroll 1993: n.º 8e.

Coleção) Ex-coleção Norberto Correia (Porto).

3. Tetradracma de Alexandre III, Myriandrus, c. 325-23 a. C. (Fig. 1. 3).

Anv.) Cabeça de Heracles (Alexandre III), à direita, coberta com a pele de leão; punções de secção retangular na pele de leão, junto à frente, e no nariz/campo; punção em forma de abelha no campo à direita, frente ao nariz.

⁵ Vide nota anterior.

⁶ Deveria estar “Nemean”.

⁷ Esta conhecida casa bancária portuense foi fundada por António Joaquim Fernandes Magalhães, em 1905, tendo sede na Rua das Flores e inicialmente dedicada à atividade cambista.

Rev.) Zeus sentado no trono, à direita, segurando cetro na mão esquerda e águia na mão direita; à direita, ↓ ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ; ◊|◊ e clava dentro de coroa, no campo à esquerda; sob o trono, monograma M I.

Peso: 16,96 g; *Ø:* 26,2 mm; *Eixo:* 6.

Ref.) Price 1991: n.º 3231A.

Coleção) MHNUPorto, inv. 015414.

4. *Tetradracma* póstumo de Alexandre III, Casa da Moeda Incerta, c. 310-280 a. C. (Fig. 1. 4).

Anv.) Cabeça de Heracles (Alexandre III), à direita, coberta com a pele de leão.

Rev.) Zeus sentado no trono, à direita, segurando cetro na mão esquerda e águia na mão direita; à direita, ↓ ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ; monograma MAT, dentro de coroa, no campo à esquerda.

Peso: 16,96 g; *Ø:* 25 mm; *Eixo:* 11.

Ref.) Price 1991: n.º 4043.

Coleção) Ex-coleção Norberto Correia (Porto).

Para além da associação de “corujas” e “alexandres” no tesouro da Serra do Pilar, composição conhecida em vários tesouros, sobretudo do Mediterrâneo oriental, nas quatro moedas estudadas são bem visíveis os sinais de desgaste, mais acentuado nos dos exemplares adquiridos por W. C. Tait, em resultado da sua circulação até ao momento da deposição.

Como não existe informação mais completa sobre a constituição deste conjunto de moedas, de que forma chegou ao litoral atlântico, quem era o seu proprietário e qual o contexto arqueológico em que foi encontrado, afigura-se muito difícil explicar a sua composição, algumas características das suas moedas, a sua presença junto à foz do rio Douro e mesmo avançar com uma data provável para o seu ocultamento.

Por outro lado, há um aspeto relevante a considerar: este conjunto de moedas aparece em uma região onde as atividades de intercâmbio ainda não faziam uso da moeda, ou seja, onde a moeda ainda não circulava, realidade bem diferente da que, por exemplo, acontecia no Levante peninsular. As moedas seriam apreciadas pelas populações autóctones pelo seu valor em metal e pela atratividade das representações iconográficas que ostentavam, transformando-as em objetos de prestígio e, por isso, muito desejados.

Como a moeda ainda não corria nesta longínqua região da Península, estas tetradracmas terão chegado a este território, e aqui permaneceram, em resultado de um qualquer processo de oferta e/ou intercâmbio, em um só ou em distintos momentos, com aquele que seria o seu último proprietário. Apesar da incidência de tesouros compostos fundamentalmente por tetradracmas áticas (oficiais e imitações) e imperiais de Alexandre III (incluindo emissões póstumas), com elevadas percentagens de exemplares contramarcados e/ou e com punções de teste do metal, se estender entre o Egito e o litoral sudeste da Ásia Menor (Van Alfen 2000: 10-12), o aparecimento pontual de um ou outro exemplar fora do seu local habitual de circulação parece-nos perfeitamente plausível (*contra* Hipólito 1981-1983: 89). A deslocação casual de pequenas quantidades de numerário com estas características para territórios longínquos, no âmbito de viagens marítimas de cariz comercial ou exploratório, não terá sido excecional, ainda mais para uma região onde tais peças (algumas já com uma longa utilização) valeriam apenas como pequenos lingotes de metal, como seria o caso das moedas da Serra do Pilar.

Em suma, os novos dados respeitantes a este conjunto monetário, reforçam a autenticidade do achado, fornecerem mais elementos sobre as circunstâncias do seu aparecimento e sobre a sua composição, permitindo classificá-lo como um tesouro monetário que, pela cronologia e o desgaste das moedas, deverá datar-se entre os derradeiros anos do século IV a. C. e os primeiros

do século seguinte⁸, em consonância com o declínio na importação de cerâmicas gregas para o território peninsular que já perceptível no decurso da segunda metade do século IV a. C. (Rouillard 1991: 123; Ferreira 2019: 610).



Fig. 1.- 1: Tetradracma de Atenas, da Serra do Pilar, Porto (Ø 24 mm) (fotografia: Museu de História Natural da Universidade do Porto); 2: Tetradracma de Atenas, da Serra do Pilar, Porto (Ø 23 mm) (ex-coleção Norberto Correia; fotografia: Rui Centeno); 3: Tetradracma de Alexandre III, da Serra do Pilar, Porto (Ø 26,2 mm) (fotografia: Museu de História Natural da Universidade do Porto); 4: Tetradracma de Alexandre III, da Serra do Pilar, Porto (Ø 25 mm) (ex-coleção Norberto Correia; fotografia: Rui Centeno).

3. Bouços (S. Martinho de Antas, Sabrosa, Vila Real), ante 1930: dinomos de Thurium

Ainda no vale do rio Douro, mas já no distrito de Vila Real, há registo de outro achado de moeda grega no lugar de Bouços, freguesia de S. Martinho de Antas. A primeira informação sobre este numisma, foi publicada por Ruy de Serpa Pinto, em 1930, após a sua aquisição para o extinto Museu Municipal do Porto (Pinto 1930: 15). Parece surpreendente que Mendes Correia, quando escreveu os capítulos para a *História de Portugal*, volume I, editada em 1928, ao listar os achados de moeda grega no território português, apenas refira os achados de Alcácer do Sal e da Serra do Pilar; por certo desconhecia a existência da moeda de *Thurium*, mas regista

⁸ O panorama na fachada atlântica peninsular era totalmente distinto da realidade do entesouramento, por exemplo, na Grécia continental, onde a presença de tetradracmas áticas do século V a. C. em tesouros da primeira metade do século III a. C., é muito rara, sendo substituídas por moeda das abundantes emissões conhecidas por “pi-style” e de “ornementation quadridigitée”, produzidas a partir de meados do século IV a. C. (Nicolet-Pierre e Kroll 1990: 1-3 e 5-10).

já o aparecimento de uma arrecada de ouro, proveniente do mesmo lugar (Correia 1928: 160 e 190, com foto)⁹, datável genericamente do século IV a. C., e considerada como uma importação grega por alguns autores (Blanco Freijeiro 1957: 273-274; Raddatz 1969: 121)¹⁰. A proximidade das datas em que foram publicadas as duas peças, e a mesma proveniência, motivou alguns autores a associá-las a um mesmo achado (Martins 1996: 27, n.º 23), hipótese que lhe confere um carácter excecional nesta região e reforça o papel do rio Douro como via de penetração de importações gregas¹¹.

Após o seu “desaparecimento” do Museu Nacional Soares dos Reis¹², o estudo deste *distater* teria ficado fortemente comprometido se Ruy de Serpa Pinto não tivesse efetuado um decalque, acompanhado por uma descrição e mais algumas observações sobre a peça, a que tivemos a sorte de aceder (Fig. 2), permitindo a sua descrição e classificação, como segue:

1. *Distater de Thurium, post 385 a. C.*

Anv.) Cabeça de Athena à direita, com o capacete ático decorado com a figura de Skylla tapando os olhos com a mão esquerda; atrás da proteção do pescoço, [...] ¹³.

Rev.) Touro investindo à direita; por cima, ΘΟΥΡΙΩΝ; no exergo, peixe à direita.

Peso: 15,45 g¹⁴; Ø: 28,2 mm; Eixo: 12.

Ref.) Cf. Noe 1935: F22; cf. *HN Italy* 2001: 1805.

Coleção) Desaparecido.

Nas notas manuscritas com o decalque da moeda, Ruy de Serpa Pinto escreve que o exemplar “parece de cobre forrado de prata”. Não se tratando de uma novidade, já que são conhecidos diversos exemplares de emissões não oficiais, forrados (Noe 1935: 32-6 e Est. X), o *distater* de Bouçós apresenta semelhanças com a moeda F22 de Noe (1935: Est. III), que, caso se trate de uma imitação, teria servido de protótipo. De qualquer forma, estas imitações produzidas por falsários da região de *Thurium* são contemporâneas das emissões oficiais, o que não afeta a relevância do achado de Bouçós, testemunhando até o uso de moeda falsa por comerciantes em operações de intercâmbio com as populações locais com economias não monetizadas.

9 É muito provável que, se o achado desta moeda fosse já conhecido de Ruy de Serpa Pinto em 1928, o Prof. Mendes Correia teria tido acesso a essa informação, dado que era muito próximo daquele investigador. Posteriormente, o achado do *distater* também foi noticiado, sem novas informações, por: Alves 1934: 17-18 e García y Bellido 1948: Tomo II, 227-228, n.º 18.

10 A arrecada foi detalhadamente analisada e estudada por Armando Coelho F. da Silva (Silva 2007: 343, 367, n.º 548 e Est. CXVIII, 11).

11 A este propósito, assinala-se também os achados de Gondomar, Moncorvo e Bragança, que analisaremos mais à frente, bem como o aparecimento de um fragmento de kratêr ático no Morro da Sé (Porto), fronteiro à Serra do Pilar, e de 13 fragmentos pertencentes a um kratêr-de-sino ático, de figuras vermelhas, datável da primeira metade do século IV a. C., exumado no decurso das escavações arqueológicas no Castro de Palheiros (Murça, Vila Real) (Ferreira 2019: 242-243, 247-248 e 386-387), que mostram bem a relevância do rio Douro como via comercial de difusão de produtos gregos durante o século IV a. C., mas também de provável acesso às jazidas auríferas trasmontanas.

12 Esta moeda constava *Inventário do Museu Municipal do Porto* (manuscrito) com o n.º 275, série 34. Após a extinção deste museu a coleção de moedas transitou para o Museu Nacional Soares dos Reis, em 1940, tendo Damião Peres publicado em 1942 uma relação das moedas da coleção, onde o *distater* de Bouçós aparece inventariado (Peres 1942: 24, n.º 164). Quando em julho de 1985 pedimos autorização à então diretora deste museu para estudar a moeda, verificou-se que no envelope correspondente se encontrava outra moeda de cobre muito desgastada (sobre o assunto, cf. Centeno 1987: 189).

13 O decalque realizado por Serpa Pinto não permite visualizar qualquer letra ou objeto que usualmente estão presentes.

14 Peso registado de inventário manuscrito, referido na nota anterior.

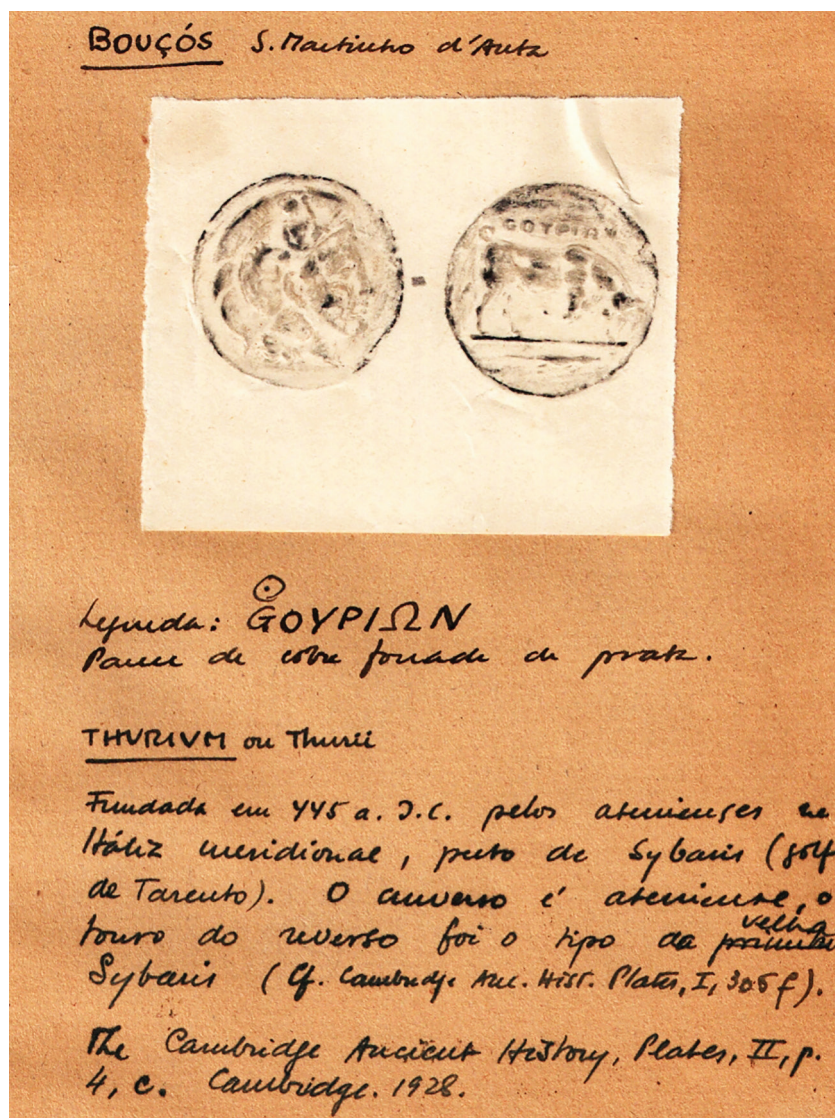


Fig. 2.- Distater de Thurium, aparecido em Bouçós (Vila Real): decalque e observações de R. de Serpa Pinto (Q da moeda 28,2 mm).

4. Monte Crasto (Gondomar, Porto), ante 1931: dracma de Lysimachos

O achado de uma dracma do reinado de Lysimachos (306-281 a. C.), verificado no Monte Crasto (Gondomar, Porto), foi registado em texto manuscrito de Ruy de Serpa Pinto, datado de 1 de novembro de 1931, onde se apresenta a sua descrição e um esquemático desenho da moeda¹⁵. Serpa Pinto escreve que esta dracma, dois denários da República Romana e um conjunto de “173 pequenos bronzes”, de Gallienus a Honorius, “foram-lhe confiados para classificação sumária”

¹⁵ Manuscrito, depositado no Museu de História Natural da Universidade do Porto, de Ruy de Serpa Pinto, Monte Crasto, de 1 de novembro de 1931, fol. 1 e fol. s/n (nesta folha o referido autor, sem mais pormenores, interroga-se sobre o aparecimento da moeda no Monte Crasto, talvez em resultado da raridade de achados de moeda grega na região). García y Bellido (1948: Tomo II, 227, n.º 16) também regista este achado, dizendo “tratar-se de una moneda griega probablemente alexandrina”, informação obtida a partir da monografia de Camilo de Oliveira (1934: 34, n.º 1).

pelo Prof. Damião Peres, materiais resultantes de achados oriundos dos Monte Castro¹⁶. Tais achados poderão ter acontecido em momentos distintos, como é frequente acontecer em povoados castrejos do Noroeste, comprovados por diversos registos de achados de moedas romanas avulsas da República (sobretudo *denarii*) e do Império e alguns tesouros monetários, em geral datáveis entre os últimos anos do período republicano e o século v.

A dracma e os dois *denarii* descritos por Serpa Pinto apresentam um furo para suspensão, característica comum que poderá indiciar que as moedas, transformadas em objetos de adorno/prestígio ou amuletos, formariam um conjunto quando foram descobertas¹⁷. Tal facto confere credibilidade ao achado e remete a sua deposição para um contexto tardio, se atendermos ao desgaste de circulação dos dois denários –de L. Furius Philus, (Roma, 119 a. C.; *RRC* 281/1) e de Q. Minucius M. f. Thermus (Roma, 103 a. C.; *RRC* 319/1)–, que poderá situar-se em pleno século I a. C.

Eis a classificação possível desta moeda, a partir da descrição e desenho de Serpa Pinto e da fotografia publicada por Camilo de Oliveira (1934: 34, n.º 1):

1. *Dracma de Lysimachos, casa da moeda não identificada, post 297/296 a. C.*

Anv.) Cabeça do divino Alexander III, à direita, ostentando o diadema real e o corno de Zeus Ammon.

Rev.) Athena Nikephoros sentada no trono à esquerda, com lança transversa por trás, apoiando o braço esquerdo no seu escudo e segurando, no braço direito esticado, uma pequena Nikè que coloca coroa na primeira letra do nome do rei ↓ ΔΥΣΙΜΑΧ[ov]; à direita, ↓ ΒΑΣΙΛΑ[εως]¹⁸.

Peso: —; Ø: 12 mm; Eixo: —.

Ref.) —.

Coleção) Paradeiro desconhecido.

Dada a inexistência de uma fotografia da dracma, com alguma qualidade, é impossível detalhar mais a sua classificação. Esta dracma poderá ser uma emissão oficial ou uma imitação, dado que este numerário de Lysimachos continuou a ser copiado durante dois séculos após a morte do monarca, mas também se sabe que as emissões de moeda oficial foram muito abundantes durante este reinado (Mørkholm 1991: 81-82; Callataÿ 2012: 181). Trate-se ou não de uma cunhagem oficial, a dracma de Monte Crasto aparece já em um contexto da romanização e transformada em objeto de adorno ou amuleto, o que não invalida a possibilidade de aqui ter chegado em momentos mais próximos da data da sua emissão.

5. Moedas gregas achadas em Moncorvo (Bragança), ante 1948

O Prof. Antonio García y Bellido (1948: Tomo II, 227-228, n.º 18), a propósito do achado do *distater* de *Thurium*, em Bouçós (S. Martinho de Anta, Sabrosa), por informação de Fernando Russell Cortez, afirma que o Museu Nacional Soares dos Reis guarda outras moedas gregas aparecidas “en una localidad desconocida de Tras-os-Montes” e que Russell Cortez lhe teria enviado moldes em lacre dos numismas que chegaram completamente desfeitos.

¹⁶ *Idem*, fol. 1.

¹⁷ Serpa Pinto (*Idem*, fol. 3) refere que a dracma apresentava “traços de lima talvez a disfarçar soldadura dum orifício de suspensão”. A má qualidade da fotografia da moeda, publicada por Camilo de Oliveira (1934: 34, n.º 1), não permite observar estas indicações de Serpa Pinto.

¹⁸ No desenho muito impreciso e nada minucioso, Serpa Pinto transcreve com erros e de modo incompleto as legendas e não regista as marcas que possibilitariam a identificação do local de emissão desta moeda.

Esta informação é confirmada por Russell Cortez, em trabalho publicado em 1948 (o mesmo ano da publicação da *Hispania Graeca*, de García y Bellido), onde enuncia os achados, até então conhecidos, da Serra do Pilar (Porto), Monte Crasto (Gondomar), Bouços (Sabrosa) e Bragança, acrescentando “alguns outros numismas gregos encontrados na região”, sem mais detalhes (Cortez 1948: 32). Estas moedas referidas por Russell Cortez serão certamente as mesmas a que García y Bellido faz menção. Contudo, Russell Cortez, apresenta um pequeno mapa do norte de Portugal, onde cartografou, para além dos quatro achados que enunciou, um quinto local, Moncorvo (Cortez 1948: 31, mapa), que, tudo leva a crer, será o local de achado dos referidos “numismas gregos encontrados na região”. Em 1942, na relação das moedas do Museu Nacional Soares dos Reis, publicada Damião Peres, nas partes referentes à moeda grega (Peres 1942: 19-36), não se identifica qualquer moeda como achada em Moncorvo, o que não será surpreendente porque, como vimos atrás, o *distater* de Bouços também consta na lista de Peres com o n.º 164, sem atribuição do lugar de achado.

Em suma, as notícias sobre este eventual achado de moedas gregas são manifestamente insuficientes, não havendo dados que permitam precisar o local e as circunstâncias do achado e confirmar se as moedas seriam comprovadamente gregas.

6. Moedas gregas aparecidas em contextos imperiais

As moedas deste apartado têm como característica comum estarem integradas em conjuntos monetários do período imperial romano¹⁹, situação que não é exclusiva desta região ocidental da Península Ibérica²⁰:

6.1. *Castro Lupario (Rois-Brion, Corunha), 1970: AE de Antiochia ad Orontem*

A informação disponível refere um pequeno tesouro composto por 10 ou 11 moedas romanas (das quatro estudadas, a mais recente data de 330-331), uma pequena “medalha” para suspensão e um AE grego; as peças encontravam-se envoltas em um pano e dentro de um vaso de barro (Acuña Castroviejo e Cavada Nieto 1971: 274-277).

A insuficiente descrição e a inexistência de uma ilustração fotográfica da moeda impedem uma satisfatória classificação. Face aos poucos elementos disponíveis (Acuña Castroviejo e Cavada Nieto 1971: 275), propomos com reservas a seguinte descrição:

AE, *Antiochia ad Orontem*, 88-87 a. C.

Anv.) Cabeça torreada e velada de Tyche, à direita.

Rev.) ↓ ANTIOXEΩN/THΣ, à direita; ↓ MHTPOΠIOAEΩΣ (?); no exergo, EKZ

Trípode-lebes; à esquerda, A / *.

Peso: —; Ⓞ: —; Eixo: —.

Ref.) *BMC Galatia*: 153, n.º 19; *Hunterian*: 144, n.º 19.

Coleção) Paradeiro desconhecido.

19 Por estar fora da nossa área de estudo, não considerámos neste trabalho, uma provável tetradracma de Antíoco III (223-187 a. C.), encontrada com moedas de cobre (por certo romanas) dentro de uma ânfora, junto da muralha de Leão, antes de 1950, noticiada, pela primeira vez, por Mateu y Llopis (1951: 237-238, n.º 445). Ver também, Centeno 1987: 189.

20 O aparecimento de moedas gregas juntamente com numerário romano tardio está registado, por exemplo no levante peninsular, no achado de Monforte, em Alicante (Ripollès 1984).

6.2. Sta. Maria de Émeres (Valpaços, Vila Real), 1970: AE Syracusae

A última moeda grega a considerar pertence ao gigantesco tesouro da Torre (Sta. M.^a de Émeres, Valpaços), composto por mais de 180 mil moedas, sobretudo dos séculos IV e V, ocultado durante o primeiro quartel do século V. De seguida, apresenta-se a classificação da moeda que então tivemos a possibilidade de estudar (Centeno e Souto 1988):

AE de Hiéron II, *Syracusae*, 264-241 a. C. (Fig. 3).

Anv.) Cabeça de Poseidon, à esquerda, adornada com *taenia*.

Rev.) Tridente ornamentado, flanqueado por dois golfinhos; em baixo, [Ι]ΕΡΩ-ΝΟΣ / [? - ?].

Peso: 5,570 g; Ø: 18,5 mm; Eixo: 3.

Ref.) SNGANS 1988: n.º 984.

Coleção) Privada do Porto.



Fig. 3.- AE de Hiéron II, do tesouro de Santa Maria de Émeres, Vila Real (Ø 18,5 mm) (fotografia: Rui Centeno).

7. Bragança (imediações de), 1840: Bractea de Syracusae

Mesmo não sendo uma moeda, era obrigatório incluir nesta relação de achados de moedas gregas a magnífica *bractea* de ouro encontrada nas imediações de Bragança, em 1840 (Fig. 4. 1). A primeira referência a esta peça deve-se a Hübner, famoso epigrafista e arqueólogo germânico, que publicou em 1862 uma concisa nota, onde apresenta uma completa descrição da *bractea*, referindo-se ainda ao lugar de achado, à instituição onde estava depositada e levantando a questão sobre a possibilidade da chegada de joia à região pouco depois da sua confeção ou se foi para aqui trazida pelos romanos (Hübner 1862: 338, n.º 942). O texto de Hübner serviu de base ao pequeno artigo de Serpa Pinto (1930: 15) e, daí, a quase todas as referências posteriores (Alves 1934: 17-18; García y Bellido 1936: 159-160, *k*); 1948: Tomo II, 210, n.º 7). Passemos à descrição desta peça:

Bractea de ouro, produzida em Syracusae, c. 406-397 a. C.

Placa retangular medindo 47,71 mm × 43,1 mm, 0,5 mm de espessura e com um peso de 9,263 g (dados publicados por Martins 1996: 18, n.º 06), contornada por uma série de pequenos furos puncionados, que permitia fixar a *bractea* a uma peça de tecido.

A decoração reproduz, por processo de cunhagem, o reverso de um dos 21 cunhos abertos pelo afamado gravador *Euainetos* para a emissão de decadracmas, sob Dionysos I (Kraay 1976: 232), com a representação da

cabeça da ninfa Arethusa à esquerda, ostentando coroa de espigas de cevada, brinco de três pendentes e colar de contas, e rodeada por quatro golfinhos; envolvendo a parte posterior da efígie, a legenda ΣΥΡΑ-ΚΟΣΙΩΝ; na zona truncagem e por baixo do golfinho, EY-AINE.

Na produção da *bractea* terá sido utilizado o cunho C. XII do estudo realizado por Gallatin sobre as emissões de decadracmas, da autoria de *Euainetos* (Gallatin 1930: 21-2 e est. III) (Fig. 4. 2).

Coleção) Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto, Inv. 82.B.193.

Um dos aspetos que merece uma atenção especial, prende-se com o local de produção e a cronologia desta peça de ourivesaria. Ao contrário de que sugerimos em 1987 (Centeno 1987: 192, nota 43), a *bractea* não será um produto hispânico. Recentemente, avançamos com a possibilidade de ser um produto itálico, talvez da Campânia, com o fundamento de ser uma região onde a representação de Aretusa teve grande popularidade, bem evidenciada na produção de taças de verniz negro em olarias desta região, reproduzindo na parte central uma impressão do reverso das decadracmas siracusanas (Fig. 4. 3), podendo identificando-se mesmo em algumas a assinatura de *Euainetos* (Fig. 4. 4); a cidade de *Teanum* (perto de Cápuia) seria o principal centro produtor deste tipo de taças que copiariam taças similares em prata, incrustadas na zona central da parte interna com uma decadracma de *Syracusae*. O afluxo de consideráveis quantidades destas moedas à Campânia resultará da participação de mercenários da região nas operações militares desenvolvidas por Dionísio I, de *Syracusae*, contra os cartagineses na Sicília. As



Fig. 4.- 1: *Bractea* de *Syracusae*, encontrada nos arredores de Bragança (47,71 x 43,1mm) (fotografia: Gabinete de Numismática da Câmara Municipal do Porto); 2: Foto do cunho de reverso C. XII (Gallatin 1930); 3: Taça de verniz negro da Campânia (fins do século IV-III a. C.) com a representação do tipo de reverso das decadramas de *Syracusae* (MET Inv. 06.1021.277); 4: Pormenor do medalhão central de taça, onde se vislumbra a assinatura de *Euainetos* (MET Inv. 06.1021.277).

necessidades de financiamento da guerra, obrigou à emissão de grandes quantidades de decadracmas para pagamento dos contingentes de mercenários, onde o mais importante era o dos soldados profissionais da Campânia. Com o regresso a casa destes mercenários, as decadracmas de *Syracusae* passaram a circular com abundância, tornando-se populares os tipos nelas representados, especialmente o do reverso (a cabeça de Aretusa), cuja qualidade artística atraiu principalmente oleiros e ourives da região (Centeno 2020: 97-98).

No contexto que se descreveu, poderia caber a produção da *bractea* de Bragança, enquadrada neste ambiente de popularidade da representação de Aretusa. Se assim fosse, o fabrico da *bractea* de Bragança seria obviamente posterior à data das emissões de decadracmas, assinadas por *Euainetos*.

Contudo, esta nossa proposta pode ser questionada pelos resultados da análise de fluorescência de raios X a que a *bractea* foi submetida, em 1994, publicados por Carla Martins (1996: 85-86 e Est. VIII, Ficha n.º 6), ao revelarem que o teor do ouro utilizado na sua confeção apresenta um elevado grau de pureza, $\geq 99\%$, com $<1\%$ de cobre e vestígios de zinco. Estes dados descartam a sua produção hispânica, onde o ouro utilizado para produção de peças de ourivesaria contém uma percentagem de prata entre os 20 e 30 %, em consonância com o que se verifica em outras áreas da bacia mediterrânica (Martins 1996: 85), o que também torna pouco provável a sua produção por um ourives da Campânia.

A elevada qualidade do ouro da *bractea*, será seguramente mais próxima ou igual à do ouro utilizado na produção de moeda siracusana e, por esta razão, é possível que a joia achada em Bragança seja um produto oficial da casa da moeda de *Syracusae*. É sabido que as casas da moeda, antes de iniciarem a cunhagem em massa de uma emissão monetária, procediam a diversos testes dos cunhos de que resultavam ensaios unifaces e bifaces, em chumbo e em cobre (Fischer-Bossert 2002: 1-9), havendo alguns exemplos batidos com cunhos de decadracmas de *Syracusae*, de *Kimon* e *Euainetos* (Fischer-Bossert 2002: 6, n.º 3 e 4). Considerando estes procedimentos das casas da moeda gregas, é admissível que, em algumas ocasiões, pudessem ser produzidas, na fase de testes dos cunhos, peças especiais em número restrito, destinadas a ofertas a algumas individualidades. Assim, a *bractea* em estudo poderá ter saído das oficinas monetárias de *Syracusae*, em momento anterior ao início do lavramento de decadracmas com o cunho que foi utilizado para o seu próprio fabrico, sendo desta forma contemporânea destas emissões monetárias.

8. Conclusão

Pelo que fica dito e considerando o desconhecimento dos respetivos contextos arqueológicos, os achados de moeda grega registados na fachada ocidental atlântica da Ibéria, revelam que a moeda grega teve pouca difusão, certamente em resultado do estágio de desenvolvimento da economia, ainda não monetizada, vigente na região. Mesmo nas áreas mais meridionais com abundante presença de cerâmicas gregas como, por exemplo, o Castelo de Castro Marim (Ferreira 2019: 53-73), a total ausência de moeda grega não deixa de ser surpreendente, uma vez que seria expectável a sua presença, ainda que residual.

Ao contrário, a norte do rio Douro, onde a presença de cerâmicas gregas é rara, se comparada com o panorama conhecido para os sítios arqueológicos nos territórios a sul, é a região onde estão referenciados os mais antigos achados de moeda grega, em particular junto daquela via fluvial, como é o caso da Serra do Pilar e de Bouçós, a que se deve acrescentar a *bractea* de

Bragança, que apontam para cronologias que podemos situar entre o início do século IV a. C. e a transição para o século seguinte.

É interessante salientar ainda que a distribuição espacial destes achados mais antigos, a que também podemos associar os de Gondomar e Moncorvo, sugere que o rio Douro foi a via de penetração utilizada que permitiu a difusão destes e outros produtos exógenos, como o kratêr ático do Morro da Sé (Porto), fronteiro à Serra do Pilar, o Kratêr-de-sino, ático, do Castro de Palheiros (Murça), datado da primeira metade do século IV a. C., coincidentes com a cronologia dos achados monetários, *grosso modo*, do mesmo século, período em que se assiste, segundo a expressão de Pierre Roulliard, a uma “véritable explosion” da importação de cerâmicas gregas na Ibéria (Rouillard 1991: 123). Mas, para lá da relevância do rio Douro como via comercial de difusão de produtos gregos durante o século IV a. C. inícios do século seguinte, não deve ser esquecido que toda esta atividade é, sobretudo, uma consequência da busca, por parte de comerciantes gregos e também púnicos, pelo acesso e controlo de algum do ouro escoado das ricas jazidas auríferas trasmontanas. Talvez seja esta a explicação para os achados de moedas gregas mais antigos ao longo do vale do Douro que, pelo contrário, não se testemunham noutras áreas da fachada atlântica peninsular, mesmo nas meridionais, onde a presença de cerâmicas gregas é incomensuravelmente mais significativa.

Bibliografia

- ACUÑA CASTROVIEJO, F. e CAVADA NIETO, M. 1971: Noticias arqueológico-numismáticas del Castro Lupario (Rois-Brion, La Coruña), *Cuadernos de Estudios Gallegos* XXVI (80), Santiago de Compostela, 265-77.
- ALVES, F. M. 1934: *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: Arqueologia, Etnografia e Arte*, vol. IX, Porto.
- BLANCO FRELJEIRO, A. 1957: Origen y relaciones de la orfebrería castreña, *Cuaderno de Estudios Gallegos* XII (36), Santiago de Compostela, 267-301.
- BMC Galatia: WROTH, W. W. 1899: *Catalogue of the Greek Coins of Galatia, Cappadocia, and Syria*, Catalogue of the Greek coins in the British Museum 20, London.
- CALLATAÏ, F. De 2012: Royal Hellenistic Coinages: from Alexander to Mithradates, in: E. Metcalf, W. E. (ed.), *The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage*, Oxford, 175-190.
- CARTAILHAC, E. 1886: *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal: résultats d'une mission scientifique du Ministère de l'Instruction publique*, Paris.
- CENTENO, R. M. S. 1983: A dominação romana, in: Saraiva, J. H. (dir.), *História de Portugal*, Lisboa, 148-211.
- CENTENO, R. M. S. 1987: *Circulação monetária no noroeste de Hispânia até 192*, *Anejos Nummus* 1, Porto.
- CENTENO, R. M. S. 2020: Cronologias e mundos de transição na Cultura Castreja: os achados monetários, in: Centeno, R. M. S. et alii (coords.), *Cultura Castreja: Identidade e Transições*, *Atas do Congresso Internacional*, vol. I, Santa Maria da Feira, 91-105.
- CENTENO, R. M. S. e SOUTO, J. M. V. 1988: Notícia de uma moeda helenística do tesouro

- da Torre (Santa Maria de Émeres, Valpaços), *Nummus* 2^a série, XI, Porto, 91-93.
- CORREIA, A. A. M. 1928: A Lusitânia pre-romana, in: Peres, D. e Cerdeira, E. (dirs.), *História de Portugal*, vol. I, Barcelos, 77-214.
- CORREIA, V. 1925: Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal, *Biblos* 1(7), Coimbra: 347-363 (= Correia, V. 1972: 151-167).
- CORREIA, V. 1928: Escavações realizadas na necrópole de Alcácer do Sal em 1926 e 1927, *O Instituto* 4^a série, 75, Coimbra: 190-201 (= Correia, V. 1972: 169-179).
- CORREIA, V. 1930a: Alcácer do Sal. Esboço de uma monografia, *Biblos* 6 (1-2), Coimbra: 40-59 (= Correia, V. 1972: 127-150).
- CORREIA, V. 1930b: As fíbulas da necrópole de Alcácer do Sal, *Biblos* 6 (7-8), Coimbra: 504-509 (= Correia, V. 1972: 181-185).
- CORREIA, V. 1972: *Obras, volume IV: Estudos arqueológicos*, Coimbra.
- CORTEZ, F. R. 1948: *Arqueologia da região produtora do vinho do Porto*, Suplemento ao Caderno do Instituto do Vinho do Porto 100, Porto.
- FARIA, J. C. L. 2002: *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*, Alcácer do Sal.
- FERREIRA, D. F. F. 2019: *A cerâmica grega na fachada atlântica da Península Ibérica*, 2 vols., Tese Dout. Universidad Complutense de Madrid, Madrid.
- FISCHER-BOSSERT, W. 2002: A Lead Test-Piece of a Syracusan Tetradrachm by Engravers Euth... and Eum..., *The Numismatic Chronicle* 162, London, 1-9.
- GALLATIN, A. 1930: *Syracusan Dekadrachms of the Euainetos Type*, Cambridge (Mass.).
- GARCÍA Y BELLIDO, A. 1936: *Los hallazgos griegos de España*, Madrid.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. 1948: *Hispania Graeca*, 3 tomos, Madrid.
- GOMES, F. B. 2018: The Olival do Senhor dos Mártires Necropolis (Alcácer do Sal, Portugal) during the Late Iron Age: New Social, Political and Cultural Insights, *Zephyrus* LXXXI (1), Salamanca, 117-139.
- HIPÓLITO, M. de C. 1981-1983: As moedas gregas da Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia), *Nummus*, 2^a s., IV-VI, Porto, 81-91 (também in *Arqueologia* 8, Porto, 1983, 75-82).
- HN Italy = RUTTER, N. K. (ed.) 2001: *Historia Numorum, Italy*, London.
- HÜBNER, E. 1862: *Die antiken Bildwerke in Madrid: nebst einem Anhang, enthaltend die übrigen antiken Bildwerke in Spanien und Portugal*, Berlin.
- HUNTERIAN = MACDONALD, G. 1905: *Catalogue of Greek Coins in the Hunterian Collection University of Glasgow, Volume III. Further Asia, Northern Africa, Western Europe*, Glasgow.
- KRAAY, C. M. 1976: *Archaic and Classical Greek Coins*, London.
- KROLL, J. 1993: *The Greek Coins, The Athenian Agora XXIII*, Princeton.
- MARTINS, C. M. B. 1996: *A ourivesaria proto-histórica de Portugal-Influências mediterrânicas*, Diss. Mestrado de Arqueologia FLUP, Porto.
- MATEU Y LLOPIS, F. 1951: Hallazgos monetarios (VI), *Ampurias* XIII, Barcelona, 203-255.
- MØRKHOLM, O. 1991: *Early Hellenistic Coinage from the Accession of Alexander to the Peace of Apamea (336-186 B.C.)*, in: Grierson, Ph. e Westermarck, U. (eds.), Cambridge.
- NICOLET-PIERRE, H. e KROLL, J. H. 1990: Athenian Tetradrachm Coinage of the Third Century B.C., *American Journal of Numismatics*, 2nd series, 2, New York, 2-35.
- NOE, S. P. 1935: *The Thurian di-staters*, ANS Numismatic Notes and Monographs 71, New York.
- OLIVEIRA, C. de 1934: *O concelho de Gondomar (Apontamentos monográficos)*, vol. II, Porto.
- PAIXÃO, A. M. C. 2014: A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal).

- Novos elementos para o seu estudo, *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 21, Oeiras, 429-460.
- PERES, D. 1942: *Museu Nacional Soares dos Reis. Relação das moedas gregas-romanas-bizantinas-bárbaras e árabes*, Porto.
- PINTO, R. de S. 1930: Museu Municipal do Porto. Achegas para um catálogo, I-Bractea de Siracusa, *O Tripeiro*, 4^a série, 1 (171), Porto, 15.
- PRICE, M. J. 1991: *The Coinage in the Name of Alexander the Great and Philip Arrhidaeus. A British Museum Catalogue*, 2 vols., Zurich & London.
- RADDATZ, K. 1969: *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel vom Ende des dritten bis zur Mitte des ersten Jahrhunderts vor Chr. Geb. Untersuchungen zur hispanischen Toreutik*, 2 vols., Madrider Forschungen 5, Berlin.
- RIPOLLÈS, P. P. 1984: El hallazgo de monedas de Monforte (Alacant), Parte I. Monedas griegas, *Acta Numismàtica* 14, Barcelona, 59-69.
- ROUILLARD, P. 1991: *Les Grecs et la Péninsule Ibérique du VIII^e au IV^e siècle avant Jésus-Christ*, Publications du Centre Pierre Paris 21, Paris.
- RRC = CRAWFORD, M. H. 1974: *Roman Republican Coinage*, 2 vols., Cambridge.
- SILVA, A. C. F. da 2007: *A Cultura Castreja no norte de Portugal*, 2^a ed., Paços de Ferreira.
- SNGANS 1988 = *Sylloge Nummorum Graecorum. The collection of the American Numismatic Society. Part 5. Sicily III: Syracuse-Siceliotes*, New York.
- STARR, C. G. 1970: *The Athenian Coinage, 480-449 B.C.*, Oxford.
- VAN ALFEN, P. G. 2000: The "Owls" from the 1973 Iraq Hoard, *American Journal of Numismatics*, 2nd series, 12, New York, 9-58.
- VASCONCELLOS, J. L. de 1895: Excursão archeologica a Alcacer-do-Sal, *O Archeologo Português* I, Lisboa, 65-92.
- VEIGA, S. Ph. M. E. da 1891: *Paleoethnologia. Antiguidades monumentais do Algarve: tempos prehistoricos*, tomo IV, Lisboa.